



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**LÓGICA TERRITORIAL DAS POLÍTICAS SOCIAIS EM LONDRINA:  
OS PERCURSOS DO USO**

Líria Maria Bettioli Lanza

liriabettioli.j@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina

Brasil

Evelyn Secco Faquin

evelynseccofaquin@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina

Brasil

Sandra Maria Almeida Cordeiro

sandra.cordeiro@sercomtel.com.br

Universidade Estadual de Londrina

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

A partir das contribuições do geógrafo brasileiro Milton Santos sobre a categoria território e seus diferentes usos pelos sujeitos sociais, emergiram debates no âmbito das políticas sociais sobretudo aquelas vinculadas ao nível básico de sua oferta. Dessa forma, apresentamos parte dos resultados de pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gestão de Políticas Sociais da Universidade Estadual de Londrina – PR/Brasil. O estudo em três territórios com processos de formação diferenciados: 1) com formação tradicional, sendo um dos bairros mais antigos da cidade; 2) constituído por processo de luta pelo direito à moradia e 3) fruto dos empreendimentos urbanos edificados pelo Programa brasileiro “Minha casa, minha vida”, permitiu identificar o percurso do uso desses, a partir da investigação sobre a organização, as relações e o significado dos territórios mediante coleta de dados com cinco grupos focais, três deles com gestores locais das políticas de Assistência Social, Educação, Habitação e Saúde e dois com lideranças que atuam e vivem nesses territórios e entrevistas com os gestores municipais das políticas selecionadas. Identificamos que a formação socioespacial dos territórios influencia sua organização e orienta os significados dos territórios. Todavia, o tempo e as remodelagens dos territórios, alteraram tais características iniciais em que se constituem em territórios pendulares, em mutação e em construção. Das vozes das lideranças foi possível identificar que em comum há o desafio de reverter os estereótipos e subalternidades que seus moradores enfrentam, creditados em vários discursos dos agentes públicos que operam tais políticas. Da mesma forma, para esses o conhecimento do território se reduz a realidade dos serviços públicos e pouco de seus modos de vida e cotidiano. As referências dos agentes públicos aos problemas desses territórios, em que o tráfico foi o mais citado, contrariam a assertiva de Santos de que o território é também um abrigo, o que se justifica pela ausência de informações formais ou sistematizadas sobre a imagem desses acerca dos usos desses territórios. As concepções de território oscilaram em restrita e ampliada, prevalecendo a primeira por ainda, centrar na lógica espacial, aspecto evidenciado nas entrevistas com os gestores públicos, em que a descentralização dos serviços impõe ações de gestão reticular, mas indicam ainda a prevalência de uma territorialização do poder decisório. Dessa forma, os territórios e seus usos dependem do processo de formação socioespacial da cidade, mas também da forma como os sujeitos o transformam e se autotransformam, portanto, em relação as políticas sociais, pode-se finalizar indicando que, embora sua presença seja forte e necessária para a consolidação dos direitos sociais, a sua redução a prestação de serviços e ações públicas apartadas dos significados, sentidos, organização desses territórios não fazem avançar na direção de um acesso com qualidade e baseado nas necessidades dos territórios.

### ABSTRACT

From the contributions of the Brazilian geographer Milton Santos on the territory category and its different uses by social subjects, debates emerged in the scope of social policies, especially those linked to the basic level of their offer. Thus, we present part of the research results developed by the Nucleus of Studies and Research in Social Policy Management of the State University of Londrina - PR / Brazil. The study in three territories with differentiated training processes: 1) with traditional formation, being one of the oldest districts of the city; 2) constituted by a process of struggle for the



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

right to housing and 3) the result of the urban enterprises built by the Brazilian "My home, my life" program, allowed us to identify the course of their use, based on research on the organization, relationships and territories with five focus groups, three of them with local managers of Social Assistance, Education, Housing and Health policies and two with leaders who work and live in these territories and interviews with the municipal managers of the selected policies. We identify that the socio-spatial formation of the territories influences their organization and guides the meanings of the territories. However, the time and the remodeling of the territories, altered those initial characteristics in which they are constituted commanding territories, mutating and in construction. From the voices of the leaderships it was possible to identify that in common there is the challenge of reversing the stereotypes and subalternities that their residents face, credited in several discourses of the public agents that operate these policies. In the same way, for these the knowledge of the territory reduces the reality of the public services and little of their ways of life and daily life. The references of public agents to the problems of these territories, where trafficking was the most cited, contradict Santos' assertion that the territory is also a shelter, which is justified by the absence of formal or systematized information about the image of these about the uses of these territories. The conceptions of territory oscillated in a restricted and enlarged way, with the first being still to focus on the spatial logic, an aspect evidenced in the interviews with the public managers, in which the decentralization of services imposes reticular management actions, but also indicates the prevalence of a territorialization of decision-making power. Thus, the territories and their uses depend on the process of socio-spatial formation of the city, but also on the way in which the individuals transform it and thus transform themselves in relation to social policies, it can be concluded indicating that, although their presence is strong and necessary for the consolidation of social rights, its reduction the provision of services and public actions away from the meanings, meanings, and organization of these territories do not advance towards quality access and based on the needs of the territories.

### **Palavras-chave**

Desenvolvimento Territorial; Desigualdades; Descentralização.

### **Keywords**

Territorial Development; Inequalities; Decentralization.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## I. Introdução<sup>1</sup>

A partir das contribuições do geógrafo brasileiro Milton Santos<sup>2</sup> sobre a categoria território e seus diferentes usos, emergiram debates no âmbito das políticas sociais, sobretudo aquelas vinculadas ao nível básico de sua oferta. Originária do debate teórico da geografia sobre o espaço, a categoria território permite analisar como a ação humana vai modelando a superfície terrestre e foi incorporada às outras ciências, configurando-se como campo de debates que envolve perspectivas e enfoques diferenciados<sup>3</sup>.

A opção pelas aproximações de Santos advém de sua perspectiva materialista, ao considerar o espaço como locus da reprodução das relações de produção. Sendo assim, ele deve ser analisado enquanto totalidade permeada de contradições que, ao mesmo tempo, se torna uma estrutura subordinada-subordinante dos processos macrosociedadeiros. Ademais, o autor refuta a compreensão do território como algo estritamente natural, físico e estático, ao enfatizar o papel das técnicas e objetos, firmas, instituições, forma e conteúdo e das relações sociais, indicando o homem como sujeito primordial na construção do mundo e do espaço.

O território em si, para mim, não é um conceito. Ele só se torna um conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir de seu uso, a partir do momento em que pensamos juntamente com aqueles atores que dele utilizam (Santos, 2000, p. 22).

Ao apresentar a noção de “uso”, o autor indicou que diferentes grupos disputam e formam o território, configurando uma determinada formação socioespacial em que estão presentes tanto o desenvolvimento do capitalismo em suas esferas econômicas, sociais, políticas e culturais, quanto os movimentos cotidianos da vida que emergem deles. Conjuga, portanto, materialidade, trabalho e política expressa, segundo o autor, em uma tecnoesfera e psicoesfera.

Esses dois elementos tornam o território um espaço de disputa de diferentes sujeitos com intenções também particularizadas. Dessa forma, o território envolve a dimensão do poder em que há, ao mesmo tempo, um processo de apropriação e de dominação. Uma das forças presentes no

---

<sup>1</sup> O artigo foi publicado originalmente e de forma completa na obra “A gestão das políticas sociais: território usado, intersetorialidade e participação”, organizado por Cordeiro, S. M. A., Pastor, M., & Rizzotti, M. L. em Londrina/PR/Brasil no ano de 2017.

<sup>2</sup> 1996; 2000.

<sup>3</sup> Ver Haesbaert (2004).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

território é o Estado-Nação. Todavia, conforme já debatido pelos autores<sup>4</sup>, no contexto da globalização, há uma relação desigual entre os diferentes Estados que impacta na constituição dos territórios, dada a seletividade dos lugares pelo sistema capitalista, na busca por expansão e maior lucratividade. De tal maneira, as relações econômicas e sociais são condicionadas pela posição dos Estados em relação ao mundo global e provocam alterações na divisão social do trabalho, na constituição das cidades, nos fluxos estabelecidos interna e externamente.

Tomando essas considerações iniciais, o território usado se torna uma categoria pertinente para pensar a gestão das políticas sociais em uma perspectiva democrática, associando o exercício do poder do Estado e da sociedade civil. De acordo com Koga (2003), partindo da assertiva de que o território é o “chão” das políticas sociais, a compreensão dos usos, a organização e o sentido que os diferentes sujeitos dão a este auxiliam na análise do acesso a tais políticas, revelando as situações em que se expressa a garantia ou não dos direitos sociais.

Dessa forma, apresentamos parte dos resultados de pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gestão de Políticas Sociais da Universidade Estadual de Londrina – PR/Brasil. O estudo foi realizado em três territórios com processos de formação diferenciados, o primeiro com formação tradicional, sendo um dos bairros mais antigos da cidade, o segundo constituído por processo de luta pelo direito à moradia e o terceiro fruto dos empreendimentos urbanos edificados pelo Programa brasileiro “Minha Casa, Minha Vida”, o que permitiu identificar o percurso do uso desses, a partir da investigação sobre a organização, as relações e o significado dos territórios.

Identificamos que a formação socioespacial dos territórios influencia sua organização e orienta os significados dos territórios. Todavia, o tempo e as remodelagens dos territórios, alteraram tais características iniciais em que se constituem em territórios pendulares, em mutação e em construção. Das vozes das lideranças foi possível identificar que em comum há o desafio de reverter os estereótipos e subalternidades que seus moradores enfrentam, creditados em vários discursos dos agentes públicos que operam tais políticas. Da mesma forma, para esses o conhecimento do território se reduz a realidade dos serviços públicos e pouco de seus modos de vida e cotidiano.

---

<sup>4</sup> Santos (2000); Ianni (1996).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os territórios e seus usos dependem do processo de formação socioespacial da cidade, mas também da forma como os sujeitos o transformam e se auto transformam, portanto, em relação as políticas sociais, pode-se finalizar indicando que, embora sua presença seja forte e necessária para a consolidação dos direitos sociais, a sua redução a prestação de serviços e ações públicas apartadas dos significados, sentidos, organização desses territórios não fazem avançar na direção de um acesso com qualidade e baseado nas necessidades dos territórios.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### II. Marco teórico

O trabalho é considerado uma das categorias fundamentais para o entendimento das relações sociais. A partir das construções teóricas marxianas, foi possível identificar que a produção e a reprodução social conformam a formação do ser social. Nesse sentido, as transformações do mundo do trabalho não se restringem aos processos de produção, mas se espraiam por toda a vida social.

Conforme o referencial teórico que nos dá sustentação, entendemos que o trabalho possui vários sentidos (Antunes, 1999). De atividade criadora, emancipadora e transformadora da natureza e do próprio homem (Marx, 1983), o trabalho foi apropriado pelo capital e se transformou em um produtor de alienação, desgaste e sofrimento. Assim, uma atividade humana dotada de sentido e utilidade para os sujeitos sociais passa a ser mercadoria e, como tal, sujeita aos movimentos de um mercado cada vez mais globalizado e competitivo, com sérios reflexos para aqueles que vivem do trabalho (Antunes, 2005)

No decorrer do tempo, os capitalistas têm procurado controlar o trabalho, colocando trabalhadores individuais em concorrência uns com os outros para os postos de trabalho em oferta. A força de trabalho em potencial tem gênero, raça, etnia e tribo e se divide pela língua, política, orientação sexual e crença religiosa, e tais diferenças emergem como fundamentais para o funcionamento do mercado de trabalho (Harvey, 2011, p. 57).

Para ocorrer, a acumulação capitalista depende de fatores econômicos, sociais, políticos, culturais, dentre outros. Nesse sentido, ainda com Harvey (2011, p. 59), aspectos como mão de obra abundante, disponível e com qualidades necessárias, como “ser flexível, dócil, manipulável e qualificado quando preciso”, trazem rebatimentos para o mundo do trabalho e, longe da tese do “fim do trabalho”, exigem reflexões que contemplem tais alterações e sejam capazes de pensar tal categoria no tempo presente, caracterizado pela globalização e financeirização da economia, com redução do trabalho produtivo e fabril.

No momento em que vivemos mais uma crise capitalista, tal afirmação é validada empiricamente. A crise de 2008 atingiu todos os países do globo e trouxe consequências para os trabalhadores no mundo todo.

As alterações oriundas da globalização têm como características centrais a internacionalização dos mercados, pela presença das grandes empresas multinacionais nos



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

diferentes territórios, a fragmentação da produção associada ao modelo toyotista e a “acumulação flexível” (Harvey, 1996), entre outros. Isso leva ao deslocamento do trabalho. Milhares de homens e mulheres se tornam nômades na busca por emprego e melhores condições de vida.

Para Ortiz (1996, p. 51), “as instituições econômicas transnacionais se rearticulam, determinando lugares de comando de suas atividades planetárias. A cidade global é, portanto, um núcleo articulador do capitalismo mundial”. No entanto, tal contexto não é uma excepcionalidade das mencionadas cidades. Conforme o mesmo autor, elas tendem a se estender para os níveis nacionais, regionais e locais que, embora tenham elementos ou características particulares que tradicionalmente sejam tratadas como opostas, devem ser entendidas como um “conjunto de planos atravessados por processos diferenciados” e que, “tanto nacional como o mundial só podem existir quando resultam em vivências. Esse foi afinal o resultado de dois séculos de rotinização dos modos de vida que denominamos identidades nacionais” (Ortiz, 1996, p. 59). Nesse sentido, Santos e Silveira (2012) afirmam que o território usado é sempre, objeto de divisões territoriais do trabalho, que não se isolam ou atomizam.

Podemos também considerar a existência de divisões de trabalho segundo lógicas escalares diversas, desde a local até a global, passando pela nacional. Simplificando, dir-se-á que certas atividades, ou empresas, ocupam o território a partir de lógicas globais, outras operam segundo lógicas que não ultrapassam as fronteiras nacionais, mas incluem vastas áreas do território, enquanto ainda outras, com as atividades do circuito inferior da economia, são limitadas a áreas menores, frequentemente intra-urbanas (Santos & Silveira, 2012, p. 290).

Os autores ainda afirmam que não é possível pensar em cada uma das divisões ou suas particularidades, mas pensá-las enquanto um processo de trabalho coletivo nos territórios. Dessa forma, tanto a economia local, como a agrícola tendem a ser permeadas pela doutrina atual da economia internacional. A primeira, como se trata de um mercado “residual”, conforme os autores, acaba sendo pressionada pela lógica global e a última, na modernidade, se consolidou como um setor altamente tecnológico e competitivo e com a presença de oligopólios agroindustriais nos territórios. Todas essas empresas, a partir de sua presença ou não, podem tornar esses espaços “luminosos” ou “opacos”, o que demonstra que há um poder e uso hierarquizado das empresas por esses territórios (Santos & Oliveira, 2012, p. 293-294).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Esse uso tende a interferir na vida social dos sujeitos, ou seja, as condições de acesso ao trabalho, renda e outros direitos humanos têm conexão imediata com a realidade econômica dos territórios.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### III. Metodología

Trata-se de uma pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gestão de Políticas Sociais da Universidade Estadual de Londrina – PR, apresentando dados parciais de pesquisa financiada pelo CNPq com foco na análise da gestão de políticas sociais em Londrina a partir da lógica territorial.

Para o estudo, foram selecionados três territórios com processos sociais, políticos e históricos distintos de constituição sendo: o primeiro, um dos bairros mais antigos da cidade (Vila Casoni); o segundo, constituído por processos de luta pelo direito à moradia (Jardim União da Vitória); e o terceiro, um empreendimento urbano edificado pelo Programa Federal “Minha Casa, Minha Vida” (Residencial Vista Bela).

A coleta de dados foi realizada com cinco grupos focais, três deles com gestores locais das políticas de Assistência Social, Educação, Habitação e Saúde e dois com lideranças que atuam e vivem nesses território e entrevistas com os gestores municipais das políticas selecionadas.

Quanto à metodologia adotada, trata-se de um estudo de caráter qualitativo com a leitura de diferentes sujeitos. Em especial foram ouvidos: (i) os gestores locais das políticas de saúde, educação e assistência social, entendendo-se por gestores locais profissionais responsáveis por coordenar e dirigir as unidades públicas dessas políticas sociais (destaca-se que não constam dessa lista responsáveis locais da política de habitação porque esta não tem unidades descentralizadas); (ii) lideranças locais que usam os serviços dessas políticas sociais; e (iii) os gestores municipais (responsáveis pela pasta) das políticas de saúde, assistência social, educação e habitação. Para apreender os conteúdos das falas, foram utilizados os mecanismos de grupos focais (para o grupo de lideranças e gestores locais) e entrevistas semiestruturadas para os gestores/secretários municipais.

Esse caminho metodológico permitiu conhecer os sentidos atribuídos a conceitos como o de território e debater os desafios cotidianos para a gestão, considerando as especificidades territoriais. Em muitos momentos desse processo investigativo, foi possível recuperar a historicidade, a totalidade, a dimensão mais estruturante das políticas sociais, assim como aspectos conjunturais e cotidianos específicos do lócus da pesquisa. Desse modo, foram ressaltadas assimetrias, tendências e contradições dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa de campo foi precedida de um estudo bibliográfico sobre os temas que a envolviam, assim como da leitura atenta das normativas que instruem essas políticas sociais. Além disso, o grupo de pesquisadores realizou coleta de dados e informações georreferenciadas de todo o



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

município de Londrina. Esses dois últimos temas (georreferenciamento com dados sobre a realidade geopolítica do município) e as referências específicas de cada política social compõem uma outra coletânea como resultado desta pesquisa. Os três territórios escolhidos na cidade de Londrina apresentavam características diferenciadas quanto à formação; aos níveis de vulnerabilidade e desproteção e também à capacidade de resistência. No entanto, a característica definida primordialmente foi a da formação sócio-histórica. A Vila Casoni é um dos mais antigos bairros da cidade, localizada perto do centro da cidade e ainda construções da década de 1930, quando Londrina foi formada. O União da Vitória, como o nome expressa, é resultante da luta pela moradia que, nos anos de 1980, reuniu movimentos sociais que estabeleceram uma luta, vitoriosa por esse direito social. Localizada na zona Sul tem importantes índices de vulnerabilidade e desproteção. O Residencial Vista Bela é resultante do Programa Minha Casa Minha Vida. Nessa versão de Londrina, alocou 2712 famílias advindas de diferentes regiões e bairros da cidade, constituindo-se no maior (até o momento) empreendimento dessa natureza do sul do Brasil.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

#### IV. Análise e discussão dos dados

A análise da concepção de território, permitiu identificar características, particularidades e uma determinada “imagem” constituída, na visão dos sujeitos, desses territórios.

Em relação à concepção de território, a partir dos depoimentos dos sujeitos, identificamos duas concepções em torno da categoria estudada, uma restrita e outra ampliada. A concepção ampliada, a exemplo do referencial teórico pleiteado, considera que

*O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, a residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população (Santos, 2000, p. 96-97).*

A partir dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, essa concepção se expressa em duplo movimento. A negação de um simples espaço geográfico e a prevalência daqueles indicativos que Santos problematizou, como a residência, as vivências.

*[...] território para mim, além de ser onde a gente habita, é o espaço onde a gente convive (Liderança do Vista Bela).*

*[...] o meu entendimento de território é um paradigma sociopolítico, geográfico, é uma forma de intervenção do Poder Público, uma forma de mapeamento das vulnerabilidades, das potencialidades daquela comunidade e uma forma de diagnóstico levando em conta a perspectiva de dinâmica comunitária, do alcance, do que ela falou agora, de como as relações humanas se dão naquele território e como isso afeta as Políticas Públicas, uma forma de, me parece isso é recente, não é uma coisa nova, mas o entendimento que eu tenho é uma forma de tentar ver o que está acontecendo na nossa federação, espaçado isso, dividido em territórios para poder ficar mais fácil de observar, de ter algum tipo de controle social sobre aquela situação e uma forma de intervir naquilo, acho que o primeiro passo é a criação desse paradigma de territorializar e identificar quais são as grandes demandas daquelas regiões que são territorializadas (Gestor Local Vila Casoni).*

Em sentido contrário, mas reforçando tal concepção, a ausência de equipamentos públicos e de infraestrutura de um dos bairros, bem como as dificuldades encontradas em torno da vivência ou



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

das trocas espirituais e da vida, de que fala Santos (2000), decorrentes de sua formação socioespacial, levou à negação deste enquanto um território.

*[...] eu acho que hoje eu não teria uma definição normal do que seria o território Vista Bela porque não existe o território Vista Bela. Então território, para dizer a verdade, na minha concepção a gente não tem, eu acho. Nós estamos esquecidos por Deus e prevalecido pela natureza (Liderança do Vista Bela).*

De outra maneira, a concepção restrita tende a identificar o território somente como um objeto material, ou seja, apenas como espaço geográfico, conforme depoimento a seguir:

*[...] meu conceito de território é a área geográfica mesmo, a área geográfica e os serviços inseridos para atender essa demanda desse local (Gestor Local União da Vitória)*

*[...] a visão de território que nós entendemos é que é delimitado uma área onde tem que atender toda aquela população (Gestor Local Vila Casoni).*

Deve ser ressaltado que a prevalência da concepção restrita está justamente nas respostas dos gestores locais, o que nos leva a inferir que o sentido do território pode ser diferenciado a partir do uso que os sujeitos fazem dele. O território, visto exclusivamente como um “recurso” ou uma “ferramenta” da gestão para organização de suas ações, pode restringir ou ocultar outras relações que ali são estabelecidas para além de sua atuação. Nesse sentido, a “imagem” desse território também tem expressões diferenciadas entre sujeitos, repetindo a mesma lógica de que os gestores locais definem os territórios majoritariamente pelo prisma dos serviços.

*[...] não sei se eles não conseguem verificar essas outras necessidades que ainda o bairro tem, outras carências que não seja só hoje a questão do asfalto, ônibus e energia elétrica, vieram muitos desses benefícios, mas o bairro também tem outras carências que também têm que ter uma intervenção da comunidade no sentido de ampliar os direitos sociais, das políticas públicas (Gestor Local União da Vitória).*

O depoimento acima, a exemplo de outros, demonstrou que raramente são apontados fatores que extrapolem a dinâmica dos serviços. Embora os gestores locais reconhecessem que o território é portador de carências e potencialidades, não foram encontrados registros dos modos de vida e trabalho dessas pessoas, seus hábitos cotidianos, a composição urbana e social, o meio natural. Fica evidente, no entanto, um ponto contraditório que suscita análise. Se, por um lado, a concepção ampliada surge no momento em que se debate a concepção de território, ela desaparece quando se



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

questionam suas particularidades, permanecendo somente a visão do e pelo serviço. Podemos, assim, dizer que há uma seleção desse conhecer, o que pode se constituir em um enfraquecimento da perspectiva territorial já que perde o sentido de totalidade.

Poderia o leitor inquirir sobre como essa imagem foi por nós analisada. Quais foram os critérios adotados? Partimos do entendimento de que o diagnóstico socioterritorial envolve dimensões censitárias, populacionais e relacionais (Ramos, 2005). Informações genéricas e sem sistematização, quer sejam numéricas ou qualitativas, impediram que pudéssemos capturar essa imagem para além da “impressão” pessoal e por vezes valorativa dos sujeitos participantes.

Nesse sentido, uma questão nos pareceu comum entre todos: a formação socioespacial dos bairros norteia os significados dos territórios. Os sujeitos da pesquisa, lideranças locais, ao falarem dos bairros estudados, enfocaram majoritariamente traços de sua formação. Posto isso, foi possível identificar três características que os representam: território em mutação, em construção e pendular.

Oriundo de um processo de mobilização social de luta pela moradia e direitos sociais, os sujeitos apontaram, de forma saudosista, o declínio da participação popular e a dificuldade de desenvolver e envolver novas lideranças e moradores para as demandas existentes no bairro. Como um processo de mutação, a participação ativa, cidadã e protagonista dos sujeitos se transforma em processo acanhado e fragmentado de lutas e das organizações populares ali presentes. Entendemos que esse é um aspecto bastante enfatizado na literatura sobre participação social e que tal realidade é um desafio tanto para os territórios no sentido de potencializar o direito a cidade, como para a gestão no exercício democrático.

Como mencionado no percurso metodológico da pesquisa, em um dos bairros não foi possível realizar o grupo focal com as lideranças locais. Analisamos que isso remete ao fato de o bairro localizar-se em uma região central da cidade. Conforme Silva (2003), existe um movimento de atração nessas áreas centrais, uma determinada forma de centralidade urbana a partir dos mais diferentes fluxos que engendra.

Todavia, por agrupar uma rede de consumo de bens e serviços, a elevação do valor do solo tende a aumentar os aluguéis ou tornar os espaços residenciais em comerciais, como possibilidade de expansão de lucros, o que faz com que essa “atração” de que falou Silva (2003) se converta em



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

expulsão, em um processo único e dinâmico. Daí a nomeação de território pendular. Além das considerações gerais sobre estudos em regiões centrais, foram expressivos nos depoimentos dos gestores locais a alta rotatividade dos moradores, o envelhecimento populacional e a dificuldade de mobilizar uma população que está sempre em movimento.

Já o terceiro território estudado caracteriza-se pela construção de um dos maiores empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em termos nacionais. Considerado o maior canteiro de obras do país, perfaz um total de 2.712 unidades habitacionais nas modalidades verticais e horizontais, sendo entregue, no ano de 2012, sem equipamentos sociais e públicos para seus moradores. Até o período em que a pesquisa foi realizada, ainda não havia esses equipamentos necessários, a não ser um Centro de Educação Infantil, que fora construído devido à forte pressão dos moradores e entregue em 2013, e inaugurada a Unidade Básica de Saúde em agosto de 2015. Continuam os moradores sem os outros equipamentos tão importantes para o cotidiano que são as Escolas, o CRAS, dentre outros.

Os moradores desse residencial fazem parte de um processo de desterritorialização e reterritorialização<sup>5</sup> e são oriundos de diferentes localidades do município. Destaca-se que a maior parte das famílias ocupava áreas irregulares. Pensar a Política Habitacional na perspectiva do território ainda é novo, segundo o gestor municipal.

---

<sup>5</sup> A função de desterritorialização: é o movimento pelo qual “se” abandona o território. É a operação da linha de fuga. Porém, casos muito diferentes se apresentam. A desterritorialização pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a desterritorialização é negativa. Qualquer coisa pode fazer as vezes da reterritorialização, isto é, “valer pelo” território perdido; com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema [...] (Deleuze & Guattari, 1997, p. 224). O conceito de desterritorialização aplica-se não apenas a óbvios exemplos, como corporações transnacionais e mercados monetários, mas também a grupos étnicos, lealdades ideológicas e movimentos políticos que atuam crescentemente em moldes que transcendem fronteiras e identidades territoriais específicas. A desterritorialização tem afetado as lealdades de grupos envolvidos em diásporas complexas, suas manipulações monetárias e outras formas de riqueza e investimento, bem como as estratégias de Estado. O debilitamento dos vínculos entre povo, riqueza e territórios, por sua vez, tem alterado a base de muitas interações globais significativas e, simultaneamente, põe em causa a definição tradicional de Estado (Ianni, 1996, p. 93). No entanto, a utilização dessa terminologia é um pouco mais remota, encontrada, principalmente, na obra dos filósofos Deleuze e Guattari (1997). A principal contribuição dos autores é a de que não existe uma desterritorialização desconectada de uma posterior reterritorialização.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*Uma das preocupações quando nós aqui chegamos, porque esse conceito de território é relativamente recente, pelo menos na área da habitação a gente não percebia (Gestor Municipal de Habitação).*

Para o Gestor Municipal de Habitação, os efeitos da ausência de se pensar a política a partir do território trazem prejuízos para a população e para o próprio poder público, em termos de dificuldade de efetivação, alegando desconhecimento na ocasião da possibilidade de se estabelecer uma política com lógica territorial de uma maneira institucional.

Para os sujeitos que constroem seu cotidiano no território, essa ausência de perspectiva territorial é identificada, pois atestam que o poder público foi quem propiciou essa situação. Nessa direção, a compreensão desse território, segundo as lideranças do residencial, é:

*[...] eu não teria uma definição normal do que seria o território Vista Bela porque não existe o território Vista Bela. Existe na minha concepção algumas pessoas que a COHAB pegou lá do outro lado da cidade, de alguns pontos de Londrina e colocou aqui sem a menor condição de nada. Esse é o território Vista Bela, hoje (Liderança do Vista Bela).*

Podemos afirmar que essa população passou por um processo de ruptura. Saiu do território que habitava e ao qual se sentia pertencente, em que havia constituído territorialidade. Ela, porém, passa a formar novas territorialidades a partir do momento em que passou a ocupar, não por opção, a nova área, promovendo uma (re)territorialização.

*[...] eu fiquei um tempo horrorizada porque eu morava no centro. [...] eu vivia um mundo totalmente diferente. Hoje não, eu aprendi a conviver, eu falo menos, escuto mais, observo mais. O Vista Bela é uma região, vamos colocar assim, o fim de Londrina, é o Vista Bela, então é uma região. Agora a gente tem as responsabilidades da gente dentro da região da gente (Liderança do Vista Bela).*

Conforme afirma Rolnik e Nakano (2009), o modo de produção de moradias populares para além dos limites da cidade tem consequências graves que acabam prejudicando a todos, pois onera a extensão das infraestruturas urbanas, alcançando locais cada vez mais distantes. O afastamento dos locais de trabalho, dos equipamentos urbanos, enfim, a localização das moradias aprofunda a segregação socioespacial e encarece os custos da mobilidade urbana.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### V. Conclusões

O processo de aproximação com os territórios estudados, sob a ótica da categoria território usado, fez com que identificássemos que seus respectivos processos históricos e de formação socioespacial, assim como sua apresentação contemporânea, são heterogêneos, possibilitando uma categorização em território em mutação, pendular e em construção. Assim, essa estrutura condiciona não só sua apresentação, como a presença ou ausência de relações de poder em seu interior, formatando sua cotidianeidade.

As análises também possibilitaram constatar que há um duplo entendimento acerca da categoria território por parte dos sujeitos, que definimos como amplo e restrito demonstrando uma polissemia do significado do termo. Todavia, esses entendimentos refletem na forma como os sujeitos agem sobre o território, ora restringindo e controlando, ora ampliando e aproximando as políticas sociais da dinâmica dos mesmos.

Nessa perspectiva, analisando os três territórios de Londrina, alvo desta pesquisa, o Residencial Vista Bela, um empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida, que traz as marcas da segregação e da violação do direito à cidade, não difere do União da Vitória, que nasceu de uma ocupação na década de 1980. Neste último, o poder público entrou com arruamento, asfaltamento e construção de equipamentos sociais e públicos, mas, até o presente momento (2016), não conseguiu entregar o título de propriedade a todos os seus moradores. Analisando a tradicional Vila Casoni, o primeiro bairro instituído após a criação do município, este nasce sob o signo da especulação imobiliária, que perpassa até o momento atual, quando é um bairro que desafia as pessoas a saírem dali, pois o processo de gentrificação se efetiva nesse território.

Por fim, identificamos que, ao refletir sobre o território usado na dinâmica dos bairros estudados, cada categoria analítica apresenta um desafio em âmbito estrutural e, portanto, de dimensões macrossocietárias, colocando um limite às políticas estudadas. No entanto, reforça também a compreensão de que, pensando o mesmo enquanto totalidade concreta, pode auxiliar nos processos gestionários para alterações gradativas na gestão dessas políticas, desde que componham um conjunto de sujeitos em suas múltiplas intencionalidades e graus de poder. A partir disso, ao



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

evidenciar múltiplos sentidos e usos, pode o território ser o elemento que aproxime e oriente uma forma mais democrática, equitativa e justa das cidades fragmentadas.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **VI. Bibliografía**

- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Antunes, R. (2005). *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.
- Haesbaert, R. (2004). Des-caminhos e perspectivas do território. In A. Ribas, E. Sposito, M. Saquet. *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens* (pp. 87-117). 3a ed. Francisco Beltrão, PR: Unioeste.
- Harvey, D. (2011). *O enigma do capital e as crises do capitalismo*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Harvey, D. (1996). *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 6a ed. São Paulo, SP: Loyola.
- Ianni, O. (1996). *Teorias da globalização*. São Paulo, SP: Editora Nacional.
- Koga, D. (2003). *Medidas de Cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo, SP: Cortez.
- Marx, K. (1983). *O Capital: crítica da economia política*. v. 1, t. 1, São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Ortiz, R. (1996). *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo, SP: Olho D'Água.
- Ramos, F. R. (2005). Cartografias sociais como instrumento de gestão social: a tecnologia a serviço da inclusão. *Revista Brasileira de Administração - RAP*, 39(3), 655-699.
- Rolnik, R., & Nakano, A. K. (2009). Direito à moradia ou salvação do setor? *Folha de São Paulo* 14 mar., A3.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 4a ed. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Santos, M., & Silveira, M. L. (2012). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 16a ed. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Silva, W. R. (2003). A formação do centro principal de Londrina e o estudo da centralidade urbana. *Revista Geografia*, 12(2), 21-44.